REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 330

21 DE FEVEREIRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Depois de, por alguns dias, que pareceram longos seculos, ter inspirado os mais graves receios, o estado de Pinheiro Chagas, começou a apresentar-se mais tranquilisador, a fazer nascer lisongeiras esperanças.

Durante oito dias o grande escriptor esteve suspenso por um fio entre a vida e a morte.

A profunda commoção cerebral causada pela violenta bengalada que o prostrou logo sem consciencia, apresentou ao principio uma multidão de symptomas alarmantes, que fizeram desanimar os medicos que o tratavam, que espalharam por todos os numerosos amigos e admiradores do grande homem de lettras e do honradissimo chefe de familia, o terror e a desesperança.

A algumas tenues melhoras que ás vezes pareciam manifestar-se no estado gravissimo do illustre enfermo, succediam-se logo umas peioras consideraveis, que faziam nascer as mais lugubres aprehensões nos animos menos terroristas e durante oito ou dez dias receiou-se muito que houvesse fractura de craneo, derramamento sanguineo no cerebro, qualquer lesão organica importante que trouxesse comsigo a encephalite, a meningite, a congestão, alguma d'essas complicações muito frequentes e muito a temer nas pancadas na cabeça e que são quasi sempre fataes.

No sabbado gordo e na segunda feira de carnaval, por exemplo, esses receios tomaram grande vulto, e pela cidade chegaram a espalhar-se as mais desoladoras noticias.

N'esses dois dias o estado do doente aggravou-se d'uma maneira assustadora, e chegou a julgar-se eminente um desenlace fatal.

Graças a Deus, porém, uma medicação energica, empregada no ultimo d'estes dois dias, deu os melhores resultados; o doente começou a melhorar e essas melhoras tem-se mantido sempre progressivas até ao momento em que escrevemos, e temos toda a esperança que continuarão a manter-se e que em breve veremos o nosso presado amigo entrar em franca convalescença, caminhar rapido para um completo restabelecimento.

Os symptomas alarmantes desappareceram, e as preoccupações de complicações perigosas parecem afastadas.

O estado de Pinheiro Chagas é muito grave ainda; os medicos ainda o não declararam livre de perigo; mas o que a presistencia das melhoras faz crer é que nenhuma das consequencias mais perigosas dos ferimentos recebidos se deu, e que, portanto, não ha motivo para preoccupações lugubres ácêrca de complicações cerebraes, que tudo faz suppor se não darão.

Ao mesmo tempo o estado mental do illustre enfermo é o mais satisfatorio possivel; a sua privilegiadissima intelligencia nada soffreu com a violencia da commoção cerebral; Pinheiro Chagas pensa, raciocina, com o mesmo espirito excepcionalmente lucido, que é a sua gloria e a gloria do seu paiz, e apenas a memoria parece ter sido a unica faculdade um pouco abalada.

Ás vezes Pinheiro Chagas não encontra a palavra que corresponda perfeitamente á sua idéa, ás vezes esquece-se de coisas que sabia excellentemente, mas ainda assim estes phenomenos aphasicos, que não tem importancia alguma grave, e que se explicam muito naturalmente pela grande commoção recebida pelo seu cerebro, diminuem de dia para dia, tendem a desapparecer.

O pulso que era excessivamente tardio — um dos symptomas que mais assustavam os medicos — tem accelerado os seus movimentos, está já no estado quasi natural, a temperatura é a natural tambem e hoje muito animados, os medicos de Pinheiro Chagas e com elles todos os amigos do illustre escriptor esperam vel-o em breve restituido á saude, com todas as suas excepcionaes faculdades intellectuaes tão lucidas e tão brilhantes como o eram antes d'esta grande e inexplicavel catastrophe.

Pinheiro Chagas tem sido alvo da manifestação mais imponente de sympathia, de estima, de admiração que em Portugal se tem feito. Póde-se dizer mesmo que Pinheiro Chagas teve a sua apotheose em vida.

A sua modesta casa da rua de S. Joaquim é, desde o dia da catastrophe, o ponto de reunião de tudo o que em Lisboa ha de mais distincto em todas as classes sociaes; a toda a hora do dia e da noite essa casa tem estado sempre cheia de gente de todas as classes, pessoas intimas de Pinheiro Chagas, outras que nunca sequer lhe fallaram, que vão alli saber

7.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»

SEM FAMILIA — QUADRO DE SOUSA PINTO

(Adquirido pela ex.ma sr.a condessa de Burnay — Desenhado do quadro por J. R. Christino)

noticias do grande homem, ferido inesperadamente por tão estranha e mysteriosa aggressão.

De todos os pontos do paiz, de Hespanha, de França, de Italia, de Inglaterra, e até mesmo da America chovem a todo o momento em casa de Pinheiro Chagas telegrammas pedindo instantemente noticias do seu estado; corporações politicas, litterarias, scientificas, industriaes, academicas, commerciaes de todo o reino enviam protestos energicos contra o inaudito attentado, e fazem votos ardentes pelas melhoras do enfermo, prestando-lhe toda a enthusiastica homenagem da sua sympathia e da sua admiração.

El-rei e toda a familia real tem mandado duas e tres vezes ao dia saber noticias do illustre doente; e de toda a parte, de todas as classes, chegam a casa de Chagas testemunhos eloquentissimos de grande estima e interesse, por toda a parte ainda hoje Pinheiro Chagas é o assumpto de todas as conversações, é o alvo das manifestações mais sinceras, mais sentidas e por isso mesmo mais brilhantes e eloquentes.

E a prova mais frisante das sympathias profundas e do profundo interesse que desperta Pinheiro Chagas em Lisboa, está na immensidade de pessoas completamente nossas desconhecidas que a todo o momento nos tomam o passo na rua — a nós e a todos os amigos intimos e collegas mais proximos de Pinheiro Chagas — a perguntar noticias do enfermo.

Toda a imprensa independentemente da sua côr politica, tem sido unanime na homenagem de respeito, de sympathia e de admiração a Pinheiro Chagas, distinguindo-se entre essa manifestação unanime e imponente da imprensa politica de Lisboa, o brilhante artigo publicado no jornal o *Dia*, sob a epigraphe de *O talento em Portugal*, um artigo notabilissimo que demonstra mais uma vez o grande talento e o bello caracter do illustre homem de lettras que o escreveu — Antonio Ennes.

Todos, amigos e adversarios, se tem juntado n'esta extraordinaria manifestação de apreço a Pinheiro Chagas, n'esta verdadeira apotheose feita ao genio excepcional do escriptor, ao caracter immaculado do homem de bem.

Junto á cabeceira de Pinheiro Chagas tem velado sempre com a mais devotada dedicação medicos dos mais distinctos do paiz: — os seus assistentes permanentes tem sido tres, os srs. dr. Senna, dr. Pinto e dr. Cunha Belem, amigo dos mais intimos de Pinheiro Chagas, e além d'estes tres assistentes todos os dias quasi, lhe tem sido feita uma, duas ou tres conferencias em que tem tomado parte, os illustres medicos, drs. Manuel Bento de Sousa, Barbosa, Arantes, Lourenço, Ferraz de Macedo, Oliveira Maia, Mendes, e Ennes.

A amizade intima que ha muitos annos nos liga a Pinheiro Chagas, dispensa-nos de fechar esta noticia com a phrase banal, de «Fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.»

Não queremos fechar hoje a nossa chronica sem dar algumas noticias do Carnaval de 1888, que teve entre nós um aspecto verdadeiramente novo e muito mais brilhante e civilisado que o dos annos anteriores.

Este anno — até que emfim! — o brinquedo carnavalesco deslocou-se do Chiado, e os tres dias de entrudo não se passaram n'uma pasmaceira insipida entre o largo das Duas Egrejas e o palacio do Manuel dos Contos.

No domingo gordo, obedecendo á estupida tradicção, a ladeira do Chiado esteve ainda cheia de mirones: atiraram-se tremoços mas já não houve as gibadas, os ovos de gesso e mesmo os ovos de gema, que fizeram por muito tempo parte do trem de guerra dos carnavaes lisboetas.

Na segunda feira, porém, o Carnaval de Lisboa tomou inteiramente outro aspecto.

O Chiado ficou deserto e a Avenida encheu-se de gente.

Esse dia era o marcado para a batalha das flores, a novidade de que se fizera uma experiencia improvisada no anno passado e com um exito tão brilhante.

Este anno essa batalha devia ser uma festa deslumbrante, mas o velho Deus Tempo, não deu licença, e exactamente quando eram horas de principiar a graciosa lucta desabou lá de cima d'um ceu carrancudo uma torrencial batega d'agua, que poz tudo em debandade.

Os luctadores eram intrepidos e ainda quizeram fazer face á chuva, mas a chuva não é para brincadeiras, fel-os n'umas verdadeiras sopas, e a Avenida que estava litteralmente cheia de gente ficou completamente deserta em menos de meia hora.

Na rua do meio — o recinto reservado para as carruagens que se tinham inscripto para a batalha, havia já numerosos trens, e muitos carros de flores artisticamente ornamentados.

Não é facil estar a fazer agora aqui de memoria a resenha e a discripção d'esses carros: o mais notavel de todos, era indubitavelmente pela sua fórma original o dos srs. condes de Burnay, um carro americano transformado n'um enorme e elegante galeão branco e dourado: seguia esse carro, outro representando uma colossal cesta, cheia de flores, sahindo d'entre essas flores, os tres filhos mais novos dos condes de Burnay.

Um carro tambem formosisissimo já pelas vestes das gentis lavradeiras que o tripulavam, já pelo seu aspecto pittoresco, era o carro do Minho, puchado a bois, do sr. conde de Penha Longa.

As lavradeiras que iam dentro do carro com os seus vistosos trajos multicores eram as gentis filhas do sr. presidente do conselho, as sr.as Amzalaks, a filha do sr. conde de Castro, a filha do sr. Emygdio Navarro, etc.

O carro do sr. Edmundo Cordeiro todo enfeitado com espigas de trigo, era d'optimo effeito, como tambem os dos srs. Fernando Palha, Moser, Ribeiro da Cunha, Eduardo Coelho, etc.

O mau da festa foi a chuva

No dia immediato, terça feira gorda, esteve um dia lindissimo. Não houve batalha de flores, mas a Avenida esteve todo o dia cheia de gente, os trens eram tantos que mal se podiam mecher, e a Avenida cheia de carros com mascaras, de carruagens, de multidão, tinha um aspecto festivo, alegre e original, perfeitamente novo em carnavaes de Lisboa.

Nos bailes de mascaras houve a animação e ao mesmo tempo a semsaboria do costume.

Nos theatros enchentes a deitar por fóra.

A respeito de theatros temos muito que fallar: peças novas e até theatro novo, o da Avenida, mas fica para a outra chronica, que esta já vae longa.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

7.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO GRUPO DO LEÃO

SEM FAMILIA
QUADRO DE SOUZA PINTO

O quadro, *Sem familia*, do sr. Souza Pinto, foi um dos que mais nos impressionaram na ultima exposição do *Grupo do Leão*.

Nada mais simples do que elle e nada mais commovedor que aquella simplicidade, que aquelle isolamento, que aquella viuvez, tão bem expressada na figura singular e triste do pobre velho que faz o assumpto do quadro.

O titulo do quadro justifica-se plenamente, o seu auctor realizou bem a intenção, no sentimento que conseguiu dar á figura, bem estudada de um modelo apropriado.

Este pequeno quadro foi adquirido pela Ex.ma Sr. condessa de Burnay por 200$000 reis, preço do catalogo, e a acquisição não podia ser melhor, porque effectivamente este quadro era um dos mais felizes que se viam na exposição.

JUBILEU DE LEÃO XIII
A MISSA PAPAL DO JUBILEU

Em a noite de 31 de dezembro do anno que acabou, notava-se na cidade de Roma um movimento desusado na população, consideravelmente augmentada pela grande affluencia de forasteiros, que alli accudiam de todos os pontos do mundo, atravez das linhas ferreas, em extensos comboios repletos de passageiros, que a cada hora chegavam á cidade eterna.

Era a vespera da grande festa que alvoraçára todo o orbe catholico, onde despertára as maiores sympathias, sympathias traduzidas nas mil offerendas enviadas, nas saudações, nos donativos em dinheiro, e no grande numero de peregrinos que se encaminharam ao vaticano a prestarem os seus respeitos, a testemunharem a sua fé, a glorificarem, emfim, o digno successor de S. Pedro, no vulto venerando de Leão XIII, em honra do qual se iam celebrar tão pomposas solemnidades, como de ha muito não havia em Roma memoria de outras eguaes.

A grande praça de S. Pedro principiou a encher-se de povo pelo meio da noite adiante, sem que o frio e a neve que cahia impedisse a grande concorrencia.

A neve fizera atrazar os comboios em Semering ou em Gotardo e por isso até á madrugada se viam chegar novos visitantes que vinham assistir á grande solemnidade.

Quando ás 5 horas da manhã os gendarmes pontifices, os guardas palatinos, os camaristas de capa e espada e mais forças policiaes chegaram á praça de S. Pedro, custou-lhes a irem tomar os seus logares, rompendo por entre a multidão compacta que enchia mais de metade da praça, em numero não inferior a cincoenta mil pessoas.

Os que tinham bilhete de admissão para dentro da basilica esforçavam-se para se approximarem das portas de entrada, com o fim de serem dos primeiros a entrar e tomarem melhor logar.

A porta de Bronze, á de Santa Martha, á de Carlos Magno o agrupamento de gente é enorme, que espera anciosa a hora de se abrirem as portas, para penetrar no grande templo, que para muitos é a primeira vez que tal succede. Finalmente dão as seis horas e pouco depois abrem-se as portas da basilica, e os felizes que poderam obter um bilhete, entram radiantes no magestoso templo, todo armado em festa.

Enormes armações de seda vermelha com franjas de ouro pendem das altas columnas e paredes, quebrando a nota fria dos marmores que revestem o interior da basilica.

A estatua, em bronze, de S. Pedro está revestida dos seus habitos pontificaes, onde brilham as pedras preciosas com colorido fulgor, na mão do apostolo a tiara de ouro glorificando o pobre bordão com que elle entrára em Roma.

O altar da Confissão, illuminado por cem vellas que reflectiam as suas luzes no assetinado das flores que o adornavam festivamente com o seu variegado colorido, chamava todas as attenções dos circunstantes, como o ponto onde se ia celebrar o sacrificio da missa pelo primeiro sacerdote da christandade.

Em volta do cruzeiro da egreja e por baixo das collossaes estatuas que corôam as janellas, levantam-se vastas tribunas revestidas de preciosos damascos carmezins, destinadas as maiores e que mais proximas estão do altar, aos embaxadores residentes e enviados extraordinarios das differentes potencias catholicas que alli se fizeram representar especialmente.

Em outra tribuna vêem-se os representantes dos comités catholicos do Jubileu, nas differentes nações do mundo.

Outras tribunas são occupadas pelo grão-mestre, bailios e cavalleiros da ordem de Malta, alternando os seus uniformes roxos de S. João de Jerusalem com os trajes á hespanhola dos camaristas de capa e espada, em cujo fundo negro, como o habito de Filippe II, se destaca a cruz branca.

Em outra tribuna proxima do altar, que pouco a pouco se vae enchendo de altos personagens, em que figuram os principes de Aremberg, entra um pouco tarde, caminhando a custo, a princeza Maria Antonieta, filha dos reis de Napoles e viuva do gran-duque Leopoldo de Toscana, vestindo á côrte e trazendo sobre seus decrepitos hombros um manto negro que contrasta singularmente com a alvura dos seus cabellos. Esta illustre princeza que viu perder o throno de seus paes e de seu esposo de envolta com a mortalha que envolveu os seus entes queridos, vive encerrada na clausura de um convento, d'onde sahiu para vir assistir á grande festa e tributar as suas homenagens a Leão XIII.

A tribuna mais espaçosa, collocada em frente do altar da Confissão, está occupada pela nobreza romana que se tem conservado fiel ao Papa; vêem-se n'ella os chefes das familias patricias, as princezas Borghese, Aldobrandini, Salviati, Lancelloti, Massimo, Gabrielli, Chigi, Barberini, Piombino, Altieri, Ruspoli, San Faustino, Rospigliori, Bandini, Odescalchi, Sciarra, Gerace, Cariati, Orsini, Colonna, Viano, Antici-Mattei, Drago, e muitas outras não menos illustres, Damas da rainha Margarida, e os principes Doria e Odescalchi.

Os deputados e conselheiros de Roma, addidos ao Quirinal etc, occupam outras tribunas reservadas, juntos com muitos deputados e senadores do parlamento italiano.

Os olhares fixam-se tambem em uma tribuna reservada para a familia de Leão XIII, onde estão as sobrinhas do pontifice, entre as quaes se encontra a condessa Moroni, recentemente casada,

e o conde Camillo Pecci, sobrinho predilecto de Sua Santidade.

Entre o altar da Confissão e a Cadeira de S. Pedro havia um grande espaço em que se levantava um amphitheatro, e onde tomavam logar convidados distinctos, arcebispos e bispos, os geraes de differentes ordens, auditores, monsenhores e mais personagens ecclesiasticos e seculares.

Em frente do altar da Confissão abria-se um largo espaço rectangular, guardado pelos guardas palatinos com suas alabardas, e em volta do qual deviam tomar assento os membros do Sacro Collegio que acompanhavam Sua Santidade, vendo-se já ali os cardeaes Hergenrhœter e Mertel, a quem o seu estado de entrevadez só permittiu o assistirem á solemnidade fazendo-se conduzir em cadeiras de rodas.

Junto d'estes dois venerandos prelados está o patriarcha dos armenios catholicos do oriente, que veiu de Constantinopla representar nas festas do jubileu o sultão Abdul-Hamid. As vestes d'aquelle patriarcha dão muito nas vistas e fazem recordar os grandes pontifices do templo de Jerusalem.

Vêem-se tambem ali os delegados apostolicos de Caldea, da Grecia, da Roumania, do Libano, da Syria e outros paizes orientaes.

Este conjuncto de individuos de differentes partes do mundo, com seus trajes caracteristicos, offerece uma variedade difficil de descrever, e a imaginação do leitor melhor poderá supprir a deficiencia da penna, transportando-se um pouco em espirito ao interior da grande basilica, e vendo com os olhos da alma a enorme multidão que lá ostenta as suas galas conforme as suas gerarchias, e como a magnificencia da gigantesca construcção, onde se reuniram tantos primores da architectura, da arte, se casa bem com a pompa das ornamentações festivas, com a opulencia da maioria dos trajes das altas dignidades que assistem á solemnidade.

É um quadro variegado, em que a vista se desorienta, ferida pelas scintillações das pedrarias brilhantes que recamam as vestes sacerdotaes ou se engastam nas condecorações dos grã-cruzes e commendadores, pelas bordaduras de ouro que se relevam nas fardas e nas capas cardinalicias, pelos mantos e fachas multicores das differentes ordens, e quando a vista consegue repousar do deslumbramento de todo este apparato e interroga as physionomias dos circumstantes, em todas ellas lê a anciedade, o alvoroço com que é esperado o momento solemne da chegada de Leão XIII.

Assim se passaram boas duas horas, durante as quaes a basilica se foi enchendo de convidados, que não encontrando já logar nas tribunas e nos amphitheatros, se apinham por todo o templo, invadindo todas as capellas, todos os cantos mais escusos, e os mais arrojados e impacientes, procurando melhor posição sobre os pedestaes das columnas e das estatuas, suspendendo se dos frizos das pilastras, onde não se aguentam por muito tempo, para de novo tornarem a erguer-se.

Emquanto na egreja se aguardava com impaciencia a apparição do Pontifice, este fazia os seus preparativos, e acompanhado da sua côrte descia a escada regia conduzido em cadeirinha, e passava á capella do Sacramento, onde era esperado pelo capitulo de S. Pedro, presidido pelo cardeal-arcipreste.

Ante o altar da Communhão, adornado por muitas offerendas de Italia e de outras nações, Leão XIII ajoelha e ora por alguns minutos, findo o que, sóbe á cadeira gestatoria, offerecida pela cidade de Napoles, e que é uma primorosa obra d'arte, executada por Morelli, professor de bellas-artes de Napoles. Esta cadeira figura a barca de S. Pedro, mais alta á pôpa e baixa á proa; em volta tem nichos com estatuas de prata representando os apostolos; o docel, figurando a vella da barca, é guarnecido de camapheus symbolisando anjos e recamado de estrellas de ouro, ao meio das quaes se destaca a alva pomba do Espirito Santo; a vella, que como dissemos, fórma o docel, cahindo sobre a pôpa, occulta um tanto o timão de prata, deixando entretanto vêr as chaves de S. Pedro, de ouro; outros adornos de coral, madreperola e mais pedras preciosas completam a ornamentação da cadeira, onde se vê ainda em baixo relêvo a effigie de S. Pedro que consagra a S. Aspreno, primeiro bispo de Napoles. O estylo da barca é do seculo IV, de esquisita elegancia, e tão leve que facilmente se levanta pelos quatro braços que tem em fórma de remos; o assento é forrado de velludo azul celeste.

N'esta cadeira é o papa conduzido á capella da Piedade, onde desce para orar de novo ante o altar, em que se admira o magnifico crucifixo offerecido pelo imperador d'Austria. Terminada a breve oração, Leão XIII começa a revestir-se com os habitos pontificaes. Na mão direita vê-se-lhe o rico annel offerecido pela rainha Christina, regente de Hespanha; ao peito traz o peitoral, offerta da Colombia; a cazula é dadiva da aristocracia romana; na cabeça colloca a mitra, offerenda do imperador da Allemanha.

Assim revestido, torna a tomar assento na cadeira gestatoria, ladeado pelos flabeus de formosas pennas de abestruz, sobre que se vê bordado a ouro, em fundo de velludo vermelho, as chaves e a tiara de S. Pedro, presente d'um chefe africano; um pallio offerecido por uma das cidades de Italia, resguarda o pontifice, e assim vae entrar a procissão na egreja.

Primeiro entram os *bussolantes* com suas opas escarlates; seguem-se os capellães cantores com suas romeiras de arminho; depois os camaristas de capa e espada, vestidos á moda hespanhola do seculo XV; apparece a cruz pontificia ladeada pelos cereaes, obra de muita arte e grande valor; os cardeaes com suas vestes de purpura e capa, fazem uma extensa fila que caminha vagarosamente, seguidos dos principes Massimo e Ruspoli, officiaes da guarda suissa, o vice-camerlengo e os principes assistentes ao solio pontificio, etc., circumdam o pallio sob o qual e conduzido Leão XIII na cadeira gestatoria. Por entre o grupo avultam quatro guardas suissos de grande estatura com suas espadas desembainhadas, representando os quatro cantões primitivos da Confederação Helvetica.

O apparecimento do papa produz grande commoção no povo que enche a egreja e que se calcula em numero não inferior a cincoenta e cinco mil pessoas. Vivas acclamações echoam pelas abobadas, sob as quaes repousam as cinzas de tantos principes da egreja, e o enthusiasmo toca o delirio, que só se acalma depois de algum tempo, sendo substituido a custo pelo respeitoso recolhimento proprio do logar, e que o sentimento expontaneo de alegria que invadiu o auditorio, fez esquecer por alguns momentos.

Leão XIII quasi que se assusta em presença de tão ruidosa manifestação; está extremamente pallido e commovido, mas retomando a sua habitual serenidade, dominando a primeira impressão de assombro ao vêr-se alvo de tão atroadoras ovações, ergue a mão e abençóa do seu throno portatil a enorme multidão que se ajoelha a seus pés.

De novo se erguem vivos applausos; dos pontos mais distantes agitam-se no ar os lenços por mãos erguidas convulsamente e dos olhos de muitos desprendem-se lagrimas de alegria, que são o testemunho do goso que lhes vae n'alma.

Que mais poderemos escrever que retrate fielmente esta grandiosa scena animada por tantos espiritos; e em que ás pompas indiscriptiveis da festa se aliava a mais sincera alegria? É impossivel, e os proprios que assistiram aquella extraordinaria manifestação, confessam a impossibilidade de a relatar com toda a vida e esplendor que a assignalou.

Leão XIII, privado do seu throno temporal, acaba de assistir á mais levantada apotheose que lhe era feita, na sua cadeira S. Pedro, como nunca o fôra a outro papa no seu throno de rei, e isto devia ser para elle de maior satisfação, por que lhe dava a medida do grande prestigio que tem alcançado entre os povos do mundo, pela excellencia das suas qualidades e virtudes de simples pontifice, imperando pelo espirito, conquistando pela mancidão christã, avassalando pela força moral, que se não escora nas bayonetas nem se eleva nos thronos reaes.

Eram pouco mais de nove horas quando o Papa principiou o santo sacrificio da missa resada, acolitado pelo Patriarcha titular de Constantinopla, Vice-gerente de Roma, monsenhor Lenti e Sannignatelli, auditor da Camara Apostolica, monsenhor Falchi e outros conegos de S. Pedro, que offereceram os missaes expressamente feitos para a missa do jubileu.

Ouvem-se os sons do orgão offerecido pela cidade de Perusa. Ao Offertorio a Capella Sixtina entoa um cantico apropriado da mais classica musica sacra. O calix da missa era o offerecido pelo rei de Portugal. (1)

Chegado o momento da elevação da hostia, vêem-se prostradas por terra as milhares de pessoas que assistem ao sacrificio, e as trombetas angelicas de prata soam nas alturas, a cujos echos respondem os cantores que estão aos lados do altar e na grande cupla acompanham estes canticos com suas vozes de supranos os meninos do Collegio Catholico, parecendo canticos celestes entoados por coros d'anjos.

A missa segue-se o *Salve* e o *Te-Deum* entoado pelo Papa a que respondem, juntamente com a Capella Sixtina e o Sacro Collegio as vozes de muitas perigrinas, algumas d'ellas verdadeiras artistas, produzindo os psalmos e o *Tantum ergo* com a musica do hymno Ambrosiano, um effeito maravilhoso.

Concluidas estas orações, e tomando em suas mãos a primorosa e rica tiara offerecida pela cidade de Paris, Leão XIII subiu de novo á cadeira gestatoria e dirigiu-se para o estrado levantado diante do altar. Resando as preces que precedem a benção e aos canticos do hymno cantado em côro *Tu es Petrus* lançou a benção *Urbi et Orbi* no meio dos mais freneticos vivas levantados pela multidão.

O grande sino de S. Pedro ouviu-se n'este momento e a elle corresponderam os sinos de todas as egrejas de Roma nos mais festivos toques.

Estava terminada a grande solemnidade d'aquelle dia memoravel. As acclamações repetiam-se com indescriptivel enthusiasmo até que o Papa desappareceu, entrando na Capella da Piedade.

No meio de tão grande multidão, não foi alterada a boa ordem, prova de que o enthusiasmo e exaltação em que os espiritos se achavam eram unanimes e todos pelo mesmo motivo — a apotheose de Leão XIII.

(1) Vide OCCIDENTE presente vol. paginas 18 e 21.

O CARNAVAL DE 1888, EM LISBOA
A BATALHA DAS FLORES

De ha muito que desappareceu de entre nós o velho carnaval lisboeta, semi-selvagem e barbaro, com que folgavam os moços de então e se extasiavam os velhos avós.

Era o anarchismo em acção, com o desrespeito pela propriedade e pelas costellas do proximo. Quebravam-se as vidraças á laranja e á batata e os ovos de gema estampavam-se nas paredes quando não vasavam os olhos a alguma victima da furia carnavalesca. Os alguidares e os fogareiros de barro despenhavam-se das janellas com grande gaudio do povo, e só quando algum d'estes projectis feria mortalmente algum desgraçado, é que a sensibilidade publica se commovia, sem que estes desastres impedissem de se continuar na mesma faina brutal e deshumana, que todo o anno se guardava para aquelles dias de verdadeira loucura.

Nas casas accumulava-se durante o anno os cacos que se produziam em familia, e mezes antes do grande folguedo, já se juntava o lixo, os chinellos velhos, os farrapos sujos, e tudo isto vinha para a rua n'aquelles dias, arremessado sobre os transeuntes, de envolta com as caldeiradas d'agua e outros liquidos muito amoniacaes, o que não era para extranhar n'aquelles tempos do *agua-vae*.

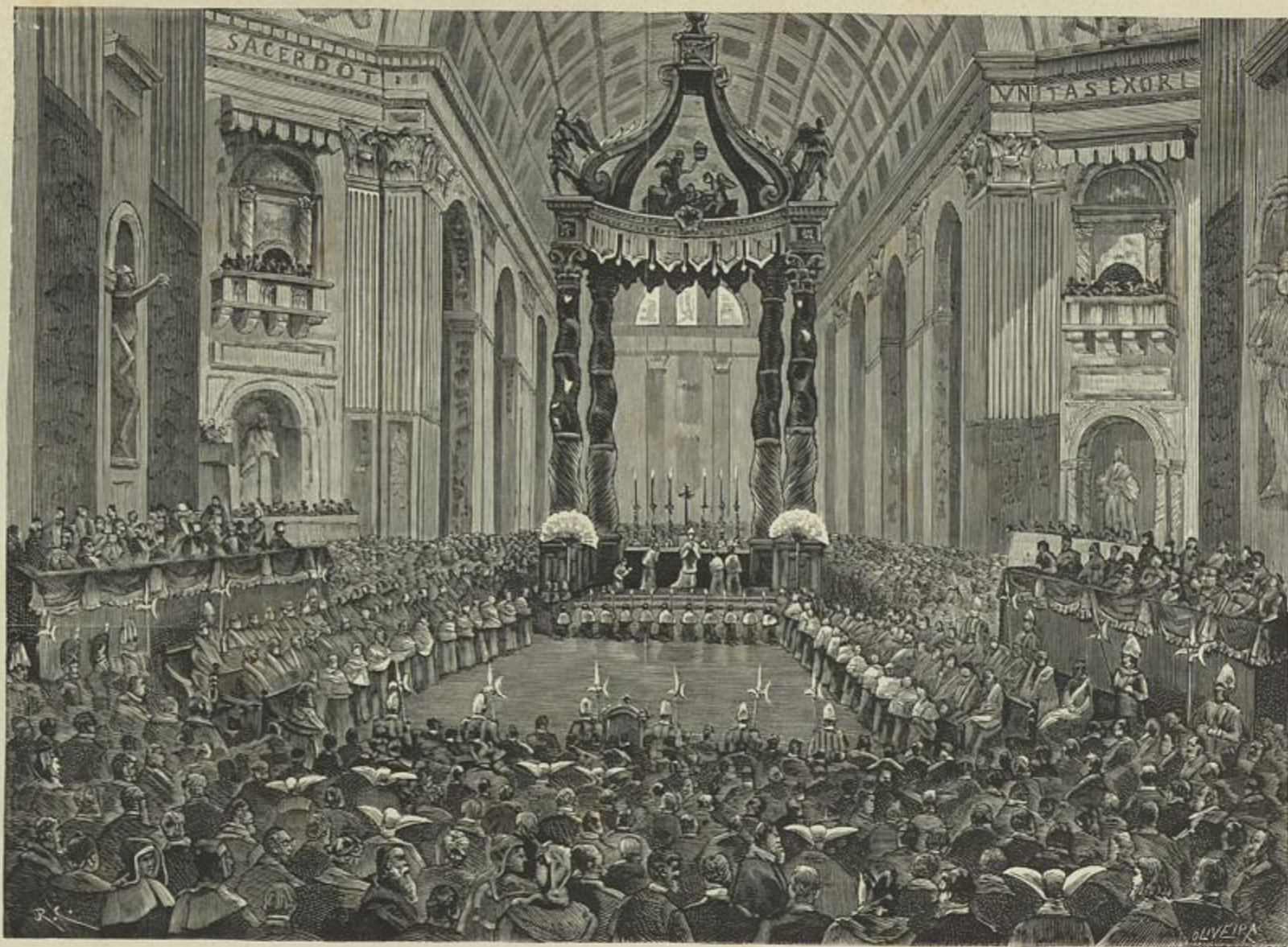
Esta selvageria fazia um profundo contraste com a brandura dos nossos costumes, com a docilidade da nossa indole, e só póde encontrar explicação no caracter sorombatico do povo, a quem só estas manifestações violentas tinham o poder de o divertir e de lhes descerrarem os labios em francas gargalhadas de prazer.

Mas *le monde marche* e a civilisação foi pouco a pouco modificando estes exaggeros brutaes e immundos. As cabacinhas de cera com agoa cheirosa, os tremoços e os feijões, os pós e os papellinhos começaram a ganhar terreno e a desterrarem os cacos e o lixo para longe dos folguedos carnavalescos, Lisboa aceiava-se.

As medidas policiaes principiaram a reprimir as brincadeiras violentas e a fazer respeitar o direito dos que não queriam folgar na festa.

Os bailles de mascaras vulgarisavam-se publica e particularmente, e viu-se que isto era melhor, mais limpo, mais commodo, mais inoffensivelmente divertido. Depois as mascaradas das creanças tinham uma graça natural e attractiva, o carnaval tomava outro aspecto, e aparte uma ou outra mascarada de populares maltrapilhos e pouco aceiados, como apparecem em toda a parte, podia-se affirmar que elle attingira toda a limpeza e ordem de que é susceptivel.

Restava, entretanto, animal-o com alguns brinquedos que o despertassem da natural semsaboria do nosso povo, que lhe dessem foros de verdadeira festa, brilhante, attrahente, fina e de bom gosto, e então os olhares dirigiram-se para Nice, para a Italia, e houve quem dissesse — Se nós podessemos introduzir em Lisboa, aclimatar sob este ceu explendido e n'este jardim florido, as

JUBILEU DE LEÃO XIII

MISSA DO JUBILEU CELEBRADA POR SUA SANTIDADE LEÃO XIII, NA BASILICA DE S. PEDRO — 1 DE JANEIRO DE 1888 — (Desenho de Christino, segundo *croquis* enviado de Roma)

O CARNAVAL DE 1888, EM LISBOA

A BATALHA DAS FLORES, NA AVENIDA DA LIBERDADE — Carruagens enfeitadas e o carro do Alto Minho

(Desenho feito na occasião por J. R. Christino)

festas carnavalescas d'aquelles paizes! E se bem foi dizel-o melhor foi pol-o em pratica.

No anno passado appareceu como surpresa a Batalha das Flores, na Avenida, surpresa combinada entre meia duzia de damas e cavalheiros da alta sociedade, á frente das quaes figurava sua magestade a rainha D. Maria Pia.

O ensaio feito o anno passado, um ensaio brilhante que desde logo interessou o publico, deixou tão agradaveis recordações, que este anno poz-se em pratica a Batalha das Flores, como uma das diversões mais delicadas e alegres que a phantasia carnavalesca tem inventado.

Anticipadamente se cuidou da festa; organisou-se uma commissão para a promover; estabeleceu-se que a rua central da Avenida seria destinada para a batalha, e que as carroagens, carros e os cavalleiros pagariam a entrada n'aquelle recinto, sendo arbitrado para as carroagens e carros enfeitados a esportula de 10$000, para os trens não enfeitados 4$500 e para os cavalleiros 1$000 réis.

O producto d'estas entradas seria destinado em partes para a fundação de um hospital para tisicos e para o cofre de beneficencia da Camara Municipal de Lisboa.

Assim se fez e o producto das entradas subiu a mais de um conto de réis.

A segunda feira gorda foi o dia escolhido para a festa, e das duas até ás cinco horas devia ferir-se a grande batalha, para a qual chegavam projectis dos formosos jardins de Cintra, do Porto, de Vizeu, da quinta da sr.ª Viscondessa de S. Caetano, do sr. Visconde do Serrado, do sr. Visconde de S. Marçal etc., que eram nem mais nem menos que formosas camelias, punhados de violetas e todas as flores da estação, destinadas á lucta e ao enfeite das carroagens e carros que tomavam parte no torneio.

O dia, porém, appareceu chuvoso e as bisnagas do ceu esguichavam de vez em quando lá das alturas, sem se importarem do carnaval que ia cá por baixo, dos preparativos que se tinham feito e das contrariedades que os seus esguichos produziam. Entretanto, ás duas horas, as nuvens abriram passagem aos raios do sol e a alegria assomou em muitos rostos tristes.

Vamos á Avenida, disseram os influentes da festa e os que se preparavam para a presenciar, vamos; e a Avenida encheu-se, Lisboa quasi se accommodou toda alli e as brilhantes equipagens principiaram a apparecer, os carros enfeitados rodavam sobre a grande rua central, aos lados da qual se via aqui e acolá pequenos kiosques improvisados ligeira e graciosamente, onde se vendiam flores em pequenos *bouquets* e soltas para o tiroteio que se ia cruzar entre as damas e os cavalheiros que iam nas carruagens ou a cavallo, ao longo da Avenida.

Ás tres horas, já a Batalha das Flores estava muito acalorada, as camelias voavam de um lado para o outro impellidas por delicadas mãos femininas sobre os cavalheiros, que por sua vez tambem as enviavam ás damas no mais galante torneio proprio dos tempos cavalheirosos.

Augmentavam os contendores em suas carruagens enfeitadas. Via-se um carro puchado a bois decorado com vistosas mantas de côres e todo armado com flores campestres e feno, produzindo o mais bello effeito; este carro era do sr. visconde da Penha Longa e iam n'elle as ex.mas sr.as D. Henriqueta e D. Julia de Castro, filhas do sr. conselheiro José Luciano de Castro, D. Alice Navarro, D. Maria de Castro, D. Judith Amzalak, D. Maria José Montenegro e D. Martha Norton todas vestindo lindos costumes do Minho.

Entre as carruagens distinguia-se a da ex.ma sr.ª D. Emilia Seabra de Castro enfeitada de urse e accacias e a de M.lle Fanny Davidzon, de flores artificiaes e laços de fitas de côres; as dos srs. Francisco Ribeiro da Cunha, accacias e verdura; João Vianna, camelias, accacias e outras flores; d'esta carruagem lançavam-se pequenos saquinhos de setim com bombons; Moser, accacias, violetas e laços de flores; José Ribeiro da Cunha, musgo, camelias e violetas; Robim, puchado a duas parelhas, verdura e muitas flores; Alfredo Guedes, folhas de palmeira, buxo, camelias e violetas; Antonio Sequeira, rosas e verdura; Eduardo Coelho, camelias e verdura e outros de que não podemos tomar apontamentos.

As carruagens enfeitadas juntavam-se outras não enfeitadas e em todas se viam formosas damas da melhor sociedade e muitas creanças graciosamente mascaradas.

Alguns cavalheiros tambem appareceram mascarados com ricos fatos á Luiz XV e XVI etc.

A festa estava emfim preparada com todo o luxo e promettia ser deslumbrante se as bisnagas do ceu não teimassem em se despejarem cá para baixo, e agora com mais abundancia que antes.

Pouco depois das tres horas a chuva era já abundante e tornava-se impossivel resistir-lhe; os contendores ainda se conservaram por algum tempo no campo da batalha, mas por fim tiveram de ceder, e retiraram-se soffrivelmente molhados, juntamente com o povo que corria em debandada para debaixo de telha enxuta, lamentando o contratempo que o privava de um espectaculo tão soberbo.

Foi n'esta occasião que chegou o carro da ex.ma sr.ª condessa de Burnay, um grande carro americano improvisado em fórma de gondola, transportando as mais gentis gondoleiras vestidas de branco e cercadas de flores e de verdura de lindo effeito. A gondola era puchada por tres formosas parelhas caprichosamente ajaezadas de flores.

As nossas gravuras copiam alguns dos carros que figuraram na festa e que o tempo permittiu desenhar rapidamente em ligeiro *croquis* pelo nosso *reporter* artistico o sr. Christino.

O CORONEL AGOSTINHO COELHO

Quando Lisboa se devertia nas folias carnavalescas, entre as bisnagas e os tremoços, e na Avenida da Liberdade se feria a Batalha das Flores, com grande alvoroço dos seus habitantes, cahia fulminado por morte repentina um dos mais briosos militares do exercito portuguez, um funccionario intelligente e prestante, o sr. Agostinho Coelho, coronel de infanteria, chefe da repartição militar do ministerio da marinha.

É esta a triste realidade da vida; por entre os prazeres as tristezas, quando muitos folgam outros gemem.

Foi no dia 13 do corrente, segunda feira gorda, que a morte surprehendeu o valoroso official, que empregou a sua vida bem servindo a patria, desde os bancos das aulas até ás responsabilidades de um chefe de repartição.

Nasceu Agostinho Coelho na cidade de Aveiro, em 1828; e em 1845 completou o curso no Collegio Militar, assentando praça a 19 de outubro d'esse mesmo anno.

No Collegio Militar exerceu os cargos de professor de armas e instructor. Depois foi nomeado commandante do asylo dos filhos dos soldados, desempenhando os logares de director, instructor e professor.

Em dezembro de 1868 mandou o governo organisar em Angola um batalhão auxiliar, com destino á campanha contra o Bonga de Massangano, de que no anno seguinte foi Agostinho Coelho tomar conta, como commandante que fôra nomeado com o posto de major, em 1869.

N'esta commissão importante prestou o major Agostinho Coelho assignalados serviços, desciplinando e organisando o referido batalhão, que encontrára no mais lastimoso estado. O governo, porém, mandou, por portaria de 4 de dezembro do referido anno, dissolver aquelle batalhão, e Agostinho Coelho voltou a Portugal e retomou o seu posto de capitão de infanteria.

Em 1875 voltou á Escola do Exercito a exercer o logar de instructor de infanteria, commissão que já tinha occupado.

Em 1877 foi nomeado chefe da repartição militar do ministerio da marinha, e foi no desempenho d'esta importante commissão que o governo o escolheu para governador geral da Guiné, em occasião que esta provincia se achava em completa desordem.

Graças ás acertadas medidas do seu governo, á integridade do seu caracter, á sua intelligencia e illustração, conseguiu restabelecer a ordem e desenvolver as riquezas da provincia, reanimando o commercio que se achava paralisado.

Do governo da Guiné passou ao governo da provincia de Moçambique, e alli continuou a mesma boa administração que principiára na Guiné, sem que isto impedisse que contra elle se levantassem clamores injustos de illicitos interesses feridos.

A respeitabilidade de Agostinho Coelho sahiu, porém, illesa d'essas intrigas locaes, e quando concluio o tempo do governo, regressou á metropole, onde tornou a occupar o logar que deixára no ministerio da marinha.

Quando foi nomeado governador da Guiné subiu ao posto de major, e em 1879 foi promovido a tenente coronel, e a coronel em 18 de janeiro de 1882.

Tinha o habito de Aviz e o da Torre Espada, de que tambem era commendador.

Aqui estão n'estas incompletas notas biographicas, relatados os factos principaes da vida do illustre militar, que na época de paz que temos atravessado, teve ensejo de prestar tão bons serviços ao seu paiz, desempenhando-se tão honrosamente das importantes commissões que o governo lhe confiou.

O INFANTE D. HENRIQUE

VI

Temos a fazer uma errata ao artigo publicado no n.º 328 do Occidente.

Ha n'elle os seguintes periodos:

«No dia seguinte ao d'aquelle notavel feito embarcou o proprio Baldaya com gente armada, pelo *Ouro* acima, comboyando os dois rapazes que seguiam por terra a cavallo. *Como na vespera não encontraram ninguem.* Tornaram a bordo etc.

Ora nós tinhamos escripto: «...*que seguiram por terra a cavallo, como na vespera. Não encontraram ninguem.* Tornaram a bordo...etc.

Realmente, terem-se batido na vespera, os dois bravos rapazes contra vinte indigenas e não encontrarem ninguem!...não parecia de muito facil acceitação.

Quando se escreve historia é indispensavel não perdoar lapsos de revisão que importam contradições que podem alienar o criterio assente.

*

Eis-nos em 1443; por este tempo já Nuno Tristão navegára 45 milhas para o sul do cabo Branco, aportando finalmente a uma ilha que diz chamar-se *Gete*.

Era a *Ghir* dos arabes.

Por communicação que tiveram os nossos com os indigenas, d'elles conseguiram a noticia de estarem em relações com os estados negros dos rios Senegal e Gambia. Trez annos depois era ali construido, por ordem do grande navegador, um forte bem artilhado.

Nuno Tristão descobrio, proximo, outra ilha a que pôz o nome de *ilha das Garças* pelo numero infinito d'estas aves que ali iam fazer criação.

Sempre devemos notar, como simples nota, que o infante D. Henrique no seu patriotico fim era tão enthusiasticamente secundado pelos seus satelites maritimos, que um infanção de sua casa mandou armar á custa propria 6 caravellas, largando de Lagos (Algarve) em 1444.

Este infanção foi o celebre Lançaróte, almoxarife do rei no reino do Algarve. Teve o commando da esquadra o bravo capitão Gil Eannes, o primeiro nauta que dobrou o cabo Bojador, rodeando-se dos esforçados maritimos nacionaes, J. Dias, Estevão Affonso e Bernaldes.

Lançaróte quando regressou a Portugal, depois de uma das mais prosperas viagens pelos seus brilhantes resultados, trouxe comsigo mais de 190 naturaes de todas as côres, desde completamente pretos, e de tez acobreada ou vermelha, até quasi brancos!

Vem de molde, parece-nos, aqui fazer a transcripção de algumas palavras de Azurara, sabio chronista d'aquelle seculo, para suffocar a algazarra que hoje fazem os senhores da *Associação internacional* belga e o famigerado calumniador Stanley, acoimando-nos de iniciadores da escravatura em Africa.

Com vista não só a Sua Magestade o rei do Congo e dos belgas, mas aos srs. Brazza e Stanley, encontramos em Azurara, quando se refere ás nossas explorações de 1444 no paiz dos *azanegues* ao sul de Marrocos, depois da viagem de Lançaróte e Gil Eannes, o seguinte:—...«e aos que mostravam aptidão para tratar de fazendas «*faziam-nos livres* e casavam-nos com as mulhe«res naturaes da terra, recebendo um bom dote «como se os seus senhores fossem seus paes, ou «pelo menos se considerassem obrigados a mos«trar esta generosidade em reconhecimento dos «bons serviços que tinham praticado. Algumas «senhoras, que compravam captivas, tratavam«nas como filhas, e *deixavam-lhes legados* nos «seus testamentos para que podessem depois «*casar bem*, ser consideradas absolutamente livres.»

O sublinhado é nosso, para accentuar bem, que considerávamos aquelles indigenas meros prisioneiros de guerra que nós tratavamos como iguaes, e muitas vezes como filhos.

Já assim não procede a marinha real de Sua Magestade a imperatriz das Indias: recorde-se o facto da corveta britanica *Daphne* commandada pelo capitão de mar e guerra George Lydiard Sulivan, fundiada em Moçambique a 12 de setembro de 1869. A bordo d'este navio de Sua Ma-

gestade Britanica estavam, presos a ferros nos paióes de carvão muitos pretos portuguezes, para serem vendidos como escravos!......*God save the queen!*

Há, comtudo, fóra da politica que os governos inglezes teem usado para comnosco, na nação ingleza homens briosos, de espirito altamente justiceiro. Referimo-nos ao illustrado escriptor Richard Henry Major, conservador do *Britanic Museum*, que, sobre o caso dos captivos indigenas trazidos a Portugal no seculo XV por Gil Eannes, faz a seguinte affirmação:

«.....eram tratados com muita brandura pelos «portuguezes seus senhores. Algumas raparigas «eram adoptadas pelas senhoras nobres, e edu- «cadas *como se fossem filhas.*»

De escravatura a captura vae uma grande distancia.

Os nossos maiores batiam-se valentemente, e se faziam captivos é porque a victoria lhes cahia nas mãos. Além de que, n'aquelles tempos de obscurantismo e bastante ignorancia de alguns despoticos governos, era necessario apresentarem, os descobridores, uma prova de que realmente haviam chegado a nóvas terras habitadas por gentes desconhecidas.

E essa prova só fazia fé ante o testemunho vivo, e por isso irrecusavel, da apresentação dos habitantes das terras a que os nossos antepassados affirmavam ter aportado.

Alguns dos nossos captivos seriam *escravos* mas dos seus compatriotas, dos mouros, que os davam em resgate de suas pessoas.

O infante D. Henrique nunca fez escravos, nem traficou com elles como tantos que o seguiram, como o tal *sieur* de Bethencourt que o precedeu, abrindo exemplo d'um acto pelo qual se increpam hoje os seus homens do mar.

*
* *

N'este despretencioso estudo temos muita vez citado o nosso Azurara, não só porque foi contemporaneo, mas porque elle tratou pessoalmente com muitos dos homens do infante, o que facilmente se póde provar com uma declaração que elle faz de não poder determinar minuciosamente certa viagem de Nuno Tristão porque este *era já fallecido.*

Em 1445 Antão Gonçalves descobre o *cabo do Resgate* ao sul da ilha Arguim; e Mafaldo, familiar do infante, descobre o *cabo de Santa Anna.*

É ainda n'este anno que sahe de Lagos, por ordem de D. Henrique, uma esquadra portugueza de 14 navios, sob o commando do aguerrido e habil navegador Lançaróte.

N'esta expedição, iam os homens mais notoriamente conhecidos n'aquella heroica cruzada dos mares nunca d'antes navegados:

Soeiro da Costa, alcaide de Lagos; Gomes Pires, patrão da caravella do rei; Rodrigueannes de Travassos, creado do regente D. Pedro; Gil Eannes, o primeiro que montou o cabo Bojador; Estevão Affonso; Pallenço, muito temido dos mouros; Alvaro de Freitas e outros, todos naturaes de Lagos e muito votados a D. Henrique.

A esta expedição juntou-se mais uma esquadrilha, vinda da Madeira, de trez caravellas, sob o commando respectivo de Tristão Vaz, Alvaro d'Ornellas e capitão Machico; estes, porém, tiveram de arribar, pelo muito mau tempo, antes de avistar o cabo Branco.

Além d'estes dezesete navios, foram tambem de Lisboa: uma caravella de D. Alvaro de Castro, camareiro-mór do rei, como Diniz Dias; outra de Alvaro Gonçalves de Athayde, aio do rei, com João de Castilha; e outra de Gonçalves Zarco com Alvaro Fernandes.

Era a esquadra portugueza composta, portanto, de 20 navios.

Parte da esquadra velejou até cabo Verde, o dobro da distancia do Bojador ao cabo Branco, tornando depois ao reino. Alvaro Fernandez largou sómente com a sua caravella, precedendo a esquadra nas ilhas da Magdalena, muito para o sul do cabo Branco, porque seguio até o Senegal.

Tendo Alvaro Fernandes navegado ainda mais para o sul marcou outro cabo, que reconheceu, pondo-lhe o nome de *cabo dos Mastros*; por isso que vira n'elle muitas palmeiras sem râma.

E foi, portanto, Alvaro Fernandes quem descobrio Cabo Verde e a costa da Guiné, visto como precedeu a todos os da esquadra em o marcar.

Por ordem do infante, em 1446, fez-se de vela novamente Nuno Tristão, com o fim de caminhar *mais ainda* para o sul do cabo dos Mastros, descoberto por Alvaro Fernandes.

Passo de leve o descobrimento das ilhas dos Açores. Porque este facto, embora um glorioso incidente da vida do infante D. Henrique, não concorre para a affirmação de que foi elle a *alma mater* do descobrimento da India.

Vejamos um importante documento, citado por Ruy de Pina e Duarte Nunes nas suas respectivas *chronicas*, que vem de molde para confirmar o que temos dito—isto é: o ideal do infante em chegar á India pelo extremo do sul, e o direito que temos não só á costa de Africa como ao seu *interior*, pois outra cousa não significam as palavras de tratado de 4 de setembro de 1479: *aos Indios inclusivamente.*

O que então se entendia por *indios* era o que hoje os nossos africanistas chamam *gentios*. Isto é, gente que habita no interior da Africa em estado quasi selvagem.

O importante documento a que nos referimos citado por Ruy de Pina no capitulo 206.º da *Chronica de D. Affonso* V, sobrinho do infante D. Henrique, é um tratado entre Portugal e a Hespanha. Fôra feito na Villa das Alcaçovas; e era assignado por nossa parte pelo barão de Alvito e por parte de Castella pelo Doutor D. Rodrigo de Maldonado. Ali ficou assente:

—«Que o Senhorio de Guiné, que se estende «desde os cabos de Não e Bojador *até aos indios* «inclusivamente, com todos os seus mares adja- «centes, ilhas e costas descobertas, *ou por des- «cobrir*, com seus tratos, pescarias e resgates; e «assim as ilhas da Madeira e dos Açores, e das «Flores, e do Cabo Verde, e a conquista do reino «de Fez, fique *in solidum* aos reis de Portugal e «seus successores *para sempre*. E que as ilhas «das *Canarias* com a conquista do reino de «Granada, fique *in solidum* aos reis de Castella, «e seus successores para sempre.»

Este tratado que, parece, ninguem poude citar na celebre e omniosa conferencia de Berlim, foi ratificado e confirmado, no governo forte de D. João II, por uma Bulla do Papa Sixto IV.

(Continúa) *Manuel Barradas.*

QUADROS HUMORISTICOS

(A RAMALHO ORTIGÃO)

Mafalda, a castellã, á tarde no balcão,
sustendo sobre a manga o seu veloz falcão,
respirava o perfume em doce embriaguez
da madresilva em flor que lhe abrigava a tez
dos raios do sol poente. A verde trepadeira
subia em espiraes formando a volta inteira
da gothica sacada. Assim emoldurado
o seu busto gentil; as pombas do eirado
em torno a voltejar d'essa feudal morada;
os galgos a latir exhaustos da caçada
seguros pela mão dos pagens emplumados;
os rapidos corceis d'espuma inda banhados,
cá em baixo, a relinchar, na ponte levadiça,
n'um anceio febril pela cavallariça;
o infinito azul onde se recortavam
as ameias gentis que seculos contavam;
a vastidão do mar, ao longe, amodorrado;
o tepido ambiente, o tom de luz rosado...
E tudo o que cercava emfim a castellã
tinha a fascinação dos quadros de Rembrandt.
Voltara pois da caça e repousava agora
sentada no balcão. Aquella meiga hora
passeava pela estrada um trovador galante
olhando a castellã com expressão de amante.
No braço, em abandono, a capa inseparavel,
na gorra apparatosa a pluma formidavel,
o bandolim fatal a tiracollo posto,
bigode arqueado e fino, a pallidez do rosto,
compunham esse typo ideal e romanesco
filho da meia idade e pae do heroe grutesco.
Os olhos sempre em alvo, a mão no coração,
tudo exprimia n'elle uma voraz paixão.
O pagem favorito olhou-o de soslaio
e no castello entrou co'a rapidez do raio
Elle ia preparar sem duvida a vingança,
apagar-lhe da alma a tibia luz da esp'rança!
Ai, pobre trovador, o ciumento pagem,
o Othello juvenil, que scena de carnagem
terá imaginado a fim de te punir
da tua grande audacia? Oh! deves desistir,
suffocar o vulcão d'esse infeliz amor...
Não creias que a rainha amasse o tal pastor!...
. . . .
A luz crepuscular, quasi de todo extincta,
perdia pouco a pouco a rosea côr da tinta.
O disco ardente e rubro, o astro da alegria,
passava no horisonte a ultima agonia.
Até que anoiteceu. Mafalda, levantou-se,
beijou o seu falcão por fim... e retirou-se
lançando ao menestrel um desdenhoso olhar.
. . . .
O triste ficou só, magoado, a suspirar.
Depois com voz sumida:—«Altiva formosura,
«tu voltarás em breve. A minha voz tão pura
«chamar-te-ha novamente ao teu balcão florido.
«Do meu fiel bandolim o accorde mais sentido
«fará vibrar em ti as pulsações do amor...
«Tu não resistirás á voz do trovador!—»
E o bandolim fatal tratou de preparar.
Dedilhou um arpejo. Ouçam'o-l'o cantar:

Nos teus olhos côr do ceo
miram-se os anjos de Deus;
eu vi-lhe o fulgor divino
quando os fitaste nos meus.
Plim, plam, plim, plim, plam, plum,
plim, plam, plim, plim, plam, plum.

Da seda dos teus cabellos,
mais fina que a dos setins,
fabrica-se lá no ceo
os lençoes dos cherubins.
Plim, plam, plim, plim, plam, plum,
plim, plam, plim, plim, plam, plum.

N'este momento um vulto assoma de repente
ao magico balcão. E elle, em tom plangente,
á parte murmurou:—«Sim, bem dizia eu!
«Pouco se fez esp'rar... emfim reappareceu!—»
E logo continuando:

D'amor fulminas o mundo
com a electrica faisca
que despedes da elegancia
d'essas formas d'Odalisca.
Plim, plam, plim, plim, plam, plum,
plim, plam, plim, plim, plam, plum.

Da tua fria brancura
nasceu a neve polar,
nasceram as alvas pombas
e mais a espuma do mar!...
Plim, plam. . . . .

A lua, que até alli
se conservara occulta, eleva-se e sorri
illuminando em cheio a perfida careta
d'um rosto escuro e chato. Era uma escrava preta!
Um espirro então soou trazido pela aragem...
Remate da vingança original do pagem!...
. . . .
O bom do menestrel, ludibriado assim,
desmaia, cae de cara e... estoira o bandolim!

Eça Leal

RESENHA NOTICIOSA

O Pintor Filippe Rousseau. Falleceu no seu palacio de Acquigni o celebre pintor francez Filippe Rousseau, que nasceu em 1820. Filippe Rousseau foi discipulo de Gros e de Bertin e pintou primeiro paisagem. Em 1844, porém, dedicou-se á pintura de animaes e natureza morta, e n'este genero produziu bellos quadros que foram premiados nas exposições e fizeram a admiração do publico de Paris. Entre outros, mencionaremos os seguintes quadros mais notaveis d'este pintor: *Rato da cidade* e o *Rato dos Campos, A toupeira e o coelho, O gato e o rato velho, Dois artistas em casa de Guignol, o lobo e o cordeiro, A salada, O rato retirado do mundo, As rosas*, etc. Rousseau era official da Legião de Honra, e obteve a 1.ª medalha na exposição de Paris de 1878.

Uma Medica. Doutorou-se na faculdade de medicina da Bahia, a Ex.ma Sr.ª D. Rita Lobato Velho Lopes, natural do Rio Grande do sul. É a primeira medica que se fórma no Brazil. Por cá ainda não passou de tentativas esta justa aspiração do bello sexo.

Concurso de Architectura. A camara municipal de Lisboa creou um concurso annual de architectura, com premios de 1:000$000, 600$000 e 400$000 reis para os tres melhores projectos architectonicos de construcções publicas ou particulares. É digno de todo o louvor o auxilio que a camara presta d'este modo, ao estudo e desenvolvimento da arte architectonica em Portugal, que tão descurada tem andado.

Cereaes africanos. Na colonia Sá da Bandeira, da provincia de Angola, está-se cultivando com

grandes resultados, alguns cereaes, entre elles o trigo. Sabemos que esta cultura se realisa em outros pontos d'aquella provincia. É escusado encarecer as grandes vantagens que podem advir d'esta cultura, tanto para a nossa Africa como para a metropole, hoje que estamos consumindo tanto trigo da America. No vapor *S. Thomé*, chegado ultimamente, veiu para o ministerio da marinha uma caixa com amostras de cereaes procedentes da colonia Sá da Bandeira, e é de esperar que estas amostras não fiquem esquecidas em algum barracão do Arsenal, e se procedam aos devidos estudos, afim de conhecer as suas vantagens economicas para o nosso mercado.

Real Gymnasio Club Portuguez. No dia 13 do corrente (segunda feira gorda) realisou o *Real Gymnasio Club Portuguez* um sarau de gymnastica e de dança, que esteve muito concorrido e animado. Agradecemos a amabilidade do convite que a digna commissão promotora d'esta festa, nos dirigiu.

Experiencias de Machinas Agricolas. Teve logar no dia 19, no picadeiro da casa do opulento lavrador sr. José Maria dos Santos, á Junqueira, as experiencias das machinas compressoras de palha e feno, ha pouco adquiridas pelo ministerio das obras publicas e ministerio da guerra. As experiencias realisaram-se na presença de suas altezas o principe D. Carlos e infantes D. Augusto e D. Affonso, e grande numero de convidados. Os resultados foram os mais satisfatorios. No proximo numero nos occuparemos mais de espaço d'este importante assumpto.

Congresso Agricola. Realisou-se hontem, no theatro da Trindade, a primeira reunião do Congresso Agricola, presidida pelo sr. D. José de Saldanha. A concorrencia foi enorme, elevando-se a mais de 600 pessoas, entre as quaes se achavam os delegados de quasi todas as camaras e juntas geraes do paiz. Grande numero de lavradores e proprietarios de todas as provincias tambem alli compareceram, sendo a do Alemtejo a que melhor estava representada, principalmente o districto de Beja. O sr. conselheiro José Luciano de Castro, dignissimo presidente do conselho, foi quem primeiro usou da palavra, manifestando o proposito em que o governo estava de attender de prompto aos interesses da agricultura e a tudo quanto possa melhorar a sua precaria situação. As palavras do illustre estadista produziram a mais agradavel impressão no auditorio. Fallou depois o sr. Dr. Pinto Coelho, defendendo os interesses da agricultura, referindo-se largamente ás tarifas alfandegarias, discursando muito ao sabor dos agricultores que o applaudiam. Seguiu-se no uso da palavra o sr. conselheiro Emigdio Navarro, ministro das obras publicas, que lamentou o estado da nossa industria agricola, fazendo sentir que a causa da sua decadencia se devia, em grande parte, á rotina em que a agricultura se tem conservado; fallou ainda do credito agricola, das pessimas condições em que se acha e das difficuldades em o melhorar; alludiu á lei da subemphytense e á necessidade de a reformar. Ás palavras do sr. ministro das obras publicas respondeu o sr. Dr. Pinto Coelho que continuou a agradar ao auditorio, fallando por fim o sr. ministro da fazenda, conselheiro Marianno de Carvalho, deixando boa impressão na assembléa. O estado de decadencia a que tem chegado a nossa agricultura bem merece as attenções de quantos n'ella interessam, se não somos todos, e que se lhe appliquem os remedios estudados e propostos pelos competentes, que mais de perto lhes conhecem os males. Para este fim organisaram-se no seio do congresso seis commissões para apresentarem os seus pareceres, e que são divididas da fórma seguinte: 1.ª Cereaes farinhas, tuberculos e legumes; 2.ª Gados, lans e pastagens; 3.ª Vinhos, alcools, azeites e oleos; 4.ª Tarifas e serviços de caminhos de ferro; 5.ª Matrizes prediaes e tributos, com lançamento e cobrança; 6.ª Recrutamento, emigração, policia rural e credito agricola.

O CORONEL AGOSTINHO COELHO — Fallecido em 13 do corrente

(Segundo uma photographia)

Concurso de Bellas-Artes. Abriu no dia 19 do corrente nas salas da Academia das Bellas-Artes de Lisboa, a exposição das provas do concurso de pensionistas do Estado a irem estudar no extrangeiro. São tres as classes dos pensionistas; sendo a primeira de pintura historica, a segunda de pintura de paisagem, e a terceira de architectura. Entre as provas apresentadas as que mais nos agradaram foram: em pintura historica, as que tem o n.º 5; em paizagem, as que tem o n.º 2; e em architectura, as que tem o n.º 8. Os pontos do concurso eram: em pintura historica, a morte de Catão; em paizagem, uma copia do natural do sitio do Senhor Roubado, proximo de Odivellas; em architectura, um projecto para um edificio de bolsa. Os concorrentes ao primeiro foram os srs. Salgado, Freire e Molarinho; ao segundo os srs. Reis, Mello e Gil; ao terceiro os srs. Bermudes, Bizarro e Pinto.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Quadros Humoristicos, por Eça Leal, com um prologo de Ramalho Ortigão. Tavares Cardoso & Irmão, editores, Lisboa, 1888. Um pequeno volume de magnificos alexandrinos de um humorismo fino e galante, que não resistimos ao desejo de n'outro logar transcrevermos o primeiro quadro que logo se nos depara, e que o auctor dedica a Ramalho Ortigão. Que os leitores depois nos digam se tivemos razão em lhe proporcionarmos alguns minutos de leitura agradavel, como nós tambem os tivemos ao percorrermos as paginas do delicado livro, que o sr. Eça Leal nas suas horas d'ocio foi rendilhando com grave ironia.

Lyceu Litterario Portuguez, *no Rio de Janeiro, relatorio apresentado á assembléa geral de 31 de março de 1887, pelo seu presidente José João Martins de Pinho.* Rio de Janeiro, 1887. Este relatorio abrange a gerencia dos annos de 1881 a 1887, e n'elle se acha bem desenvolvida a historia d'esta sociedade portugueza que tão grandes serviços está prestando á instrucção, mantendo differentes aulas onde recebem ensino, não só os portuguezes, como ainda individuos d'outras nacionalidades. Esta sociedade que se achava em certa decadencia, tem-se desenvolvido e robustecido nos ultimos seis annos, graças aos esforços da sua direcção. No anno de 1886 o numero de matriculas dos alumnos subiu a 1:103, dividido pelas seguintes nacionalidades: brazileiros 736, portuguezes 342, hespanhoes 9, allemães 3, francezes 3, italianos 3, argentinos 2, norte-americanos 1, hungaros 1, orientaes 2, austriacos 1. As disciplinas constaram de: rudimentos de portuguez, arithmetica e calligraphia; aula especial de portuguez e arithmetica; aula especial de arithmetica; francez; inglez; allemão; italiano; curso commercial; algebra; geometria e trigonometria; tachigraphia; desenho linear geometrico; desenho de ornato e figura; geographia; nautica. Aos alumnos que mais se distinguiram tem sido conferidos premios, constantes de medalhas de ouro, de prata, de cobre e livros. A receita no anno de 1886 elevou-se a 74:399$960, sendo em cifras redondas 58:000$000 provenientes de donativos em dinheiro, moveis e livros; a despeza sommou 23:188$778, incluindo n'ella a verba de 1:505$820 dispendido com as exequias mandadas fazer pela sociedade, por alma de el-rei D. Fernando. Por esta simples resenha feita entre os copiosos dados que o relatorio offerece, se póde avaliar da importancia do *Lyceu Litterario Portuguez*, dos serviços que presta á instrucção e de quanto louvor cabe aos seus directores e a todos que concorrem com donativos para tão benemerita instituição.

A Moda Illustrada, *jornal das familias*, David Corazzi, editor, Lisboa. Entrou no decimo anno de publicação este interessante jornal de modas sem duvida o mais completo que se publica em lingua portugueza, e que rivalisa vantajosamente com os jornaes francezes d'este genero. *A Moda Illustrada* é um jornal tão util quanto necessario no seio das familias para a confecção economica das *toilettes*, além da leitura recreativa que offerece a sua secção litteraria.

Heitor Servadac, por Julio Verne, traducção de Xavier da Cunha. David Corazzi, editor, Lisboa. Este volume faz parte da grande edição popular das viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos, dada á estampa com tanto exito, no que está a sua melhor recommendação.

A Critica, *sciencia, litteratura e critica*, redactor Lomelino de Freitas, Coimbra, 1.ª serie, n.º 1, janeiro de 1888. Um semanario litterario que se propõe a fazer critica desassombrada e util. Oxalá realise o seu proposito, e que tenha longa vida.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa